

## A DESCONSTRUÇÃO DO ROMANCE EM *CONFISSÕES DE RALFO* (UMA BIOGRAFIA IMAGINÁRIA), DE SÉRGIO SANT'ANNA

Alice Atsuko Matsuda Pauli (UEL)

Resumo: Sérgio Sant'Anna, em *Confissões de Ralfo*, tenta desconstruir o gênero romance tradicional, "brincando" com a sua estrutura: tempo, espaço, ação, verossimilhança. Nas epígrafes, o autor contesta o valor do texto narrativo. Uma delas, assinada por Ralfo, revela que por trás de sua intenção, na verdade quer questionar o que é um romance, enfim, a própria literatura, a sua função e a função do escritor. Desta forma, o presente artigo objetiva verificar como o autor vai desconstruindo o texto, abalando as características do romance tradicional por meio do emprego de novos recursos literários, considerados por Anatol Rosenfeld como características do novo romance moderno.

Palavras-chave: Desconstrução, *Confissões de Ralfo*; Sérgio Sant'Anna, romance moderno.

Abstract: Sergio Sant'Anna, in *Ralfo's Confessions*, tries to deconstruct the traditional novel genre, "playing" with its structure: time, space, action, likelihood. In the epigraphs, the author contests the value of the narrative text. One of the pointed out by Ralfo reveals that, at the background of his intention, he wants to question what a romance is in fact, thus the own literature, its function and the author's function. Therefore, this article aims to verify how the author deconstructs the text, affecting the characteristics of the traditional novel by the use of new literary resources, considered by Anatol Rosenfeld as characteristics of the new modern novel.

Keywords: Deconstruction; *Ralfo's confessions*; Sergio Sant'Anna, modern novel

### 1. INTRODUÇÃO

A literatura brasileira, no período dos anos 70, vivia uma fase difícil devido à expansão da indústria cultural e pela censura promovida pelo regime militar. Dessa forma, muitos escritores se encontravam no impasse entre a arte e a denúncia. Muitos optaram pela denúncia, como forma de resistência à ditadura; outros se lançaram na criação artística.

*Confissões de Ralfo* – uma biografia imaginária (1975), de Sérgio Sant'Anna, pertence ao grupo que se destaca na criação ficcional, fugindo ao documental. Notam-se características como acentuada fragmentação do texto e polifonia de vozes, com incorporação da mídia e de caráter predominantemente especular e auto-indagador.

O livro está estruturado em prólogo, nove pequenos livros, epílogo e nota final. O Prólogo vem antes da folha de rosto, escrito em primeira pessoa do singular. Nele, o narrador explica o objetivo de escrever o livro: por achar sua vida pouco interessante, visto que se encontra insatisfeito com o seu presente e descrente do seu futuro, transforma-se em personagem e passa a viver uma realidade imaginária, mais interessante que o real. Dessa forma, narra o que quiser, sem medo do ridículo ou da crítica. O seu porta-voz é Ralfo e, por meio dele, o narrador

perpassará toda a narrativa, aparecendo em alguns momentos na terceira pessoa do singular ou através da fala de terceiros.

Além do prólogo, ainda há um roteiro de leitura e três epígrafes, uma das quais do próprio Ralfo, apresentado como um verdadeiro autor. Nota-se uma intenção megalomaniaca, visto que deseja escrever um super-romance com um superenredo, girando em torno da vida de uma superpersonagem: ele mesmo.

A obra, além da divisão em capítulos, também se compõe de livros que podem ser lidos separadamente, como sugere o narrador no roteiro: "há um ténue e até suspeito relacionamento entre si, que os livrinhos seriam mais bem desfrutados como unidades distintas, que se subdividem, por sua vez, em outras unidades ou episódios, em número de trinta e dois". Segundo Noemi H. B. de Perdigão, esta "estruturação, que dá autonomia a cada livro, permite a apresentação de diferentes situações sem que seja necessária uma continuidade espaço-temporal explícita, que, porém, existe internamente a cada livro, na apresentação de situações verossímeis ou não" (2006: 2).

No final, há o epílogo, em que se narra o final da história. Após o julgamento do livro, condenado a ser rasgado, juntamente com o personagem narrador Ralfo, há uma repetição absurda que revela a dificuldade de afastamento e destruição dele.

Por fim, termina com uma nota final, explicação de mais uma incoerência no livro, visto que foi destruído quando Ralfo completou seu ciclo e houve a purificação do autor. Se foi destruído, não poderia ser guardado ou publicado, ou mesmo ter epílogo e nota final. Portanto, o autor revela que faltou coragem para destruir, depois do trabalho que o livro lhe deu. Agora ele espera ter leitores e críticos que, se quiserem destruí-lo, terão apoio de Ralfo.

Observa-se que Sérgio Sant'Anna, em *Confissões de Ralfo*, tenta desconstruir o gênero romance tradicional, "brincando" com a sua estrutura: tempo, espaço, ação, verossimilhança. Ele mesmo confessa no Prólogo que antes de tudo quer divertir-se – ou mesmo emocionar-se – vivendo e escrevendo o livro e tomando com ele diversas liberdades. As epígrafes são sugestivas, visto que já levam a questionar o valor do texto narrativo. Uma delas, assinada por Ralfo, revela que por trás de sua intenção, na verdade quer questionar o que é um romance, enfim, a própria literatura, a sua função e a função do escritor. Desta forma, o presente artigo objetiva verificar como o autor vai desconstruindo o texto, abalando as características do romance tradicional, por meio do emprego de novos recursos literários, considerados por Anatol Rosenfeld como características do novo romance moderno.

## 2. O ESTATUTO DA LITERATURA

*Confissões de Ralfo* apresenta várias discussões, entre elas o questionamento do papel da literatura e do ato de escrever frente ao momento histórico. Juntamente com outros escritores, como João Gilberto Noll, Antônio Torres, Ivan Ângelo, Sérgio Sant'Anna discute qual o verdadeiro caminho para a literatura.

Observa-se a ruptura com o tom memorialístico, forma predileta do romance a partir do período romântico e também do memorialismo comum na década de 70, que visava a registrar a experiência real de presos políticos. As "*Confissões de Ralfo*, porém, constituem o avesso das memórias no sentido de que não partem do impulso de registrar o 'já vivido', mas de construir uma narrativa simultânea aos fatos e, principalmente, do desejo de criar acontecimentos para serem narrados" (NASCIMENTO, 2003: 18). Desta forma, Ralfo suprime os laços com o passado e se concentra apenas no presente, rompendo com a tendência da denúncia ou do documental, optando pela ficção.

O próprio título sugere a idéia de ficção – *Confissões de Ralfo* (uma autobiografia imaginária) – indicando a sua opção pela literatura. O narrador personagem opta pelo irreal e pela fantasia como pólo oposto à realidade degradante em que experimenta a desilusão e a sensação de vazio. Isso não significa que Sérgio Sant'Anna não se preocupasse com o momento histórico, mas que o autor tem uma maneira diferenciada de retratar o momento histórico em relação a outras obras do mesmo período.

Nota-se que a narrativa foge do convencional, transgredindo a barreira hierárquica entre autor, narrador e personagem. As três entidades se confundem, muitas vezes não se identificando o limite entre um e outro. No Prólogo, o narrador afirma que escreverá a sua história, ou melhor, viverá uma história que “mereça ser escrita, ainda que incongruente, imaginária e até fantasista”. A história é de Ralfo, o personagem que, muitas vezes, se confunde com o próprio autor. Não “existe um Eu narrador fixo face a um Eu narrado em transformação; o próprio Eu narrador se transforma constantemente” (ROSENFELD, 1976: 93), como se o autor quisesse demonstrar a relatividade de tudo.

*Confissões de Ralfo*, como muitos romances modernos, na concepção de Rosenfeld, é narrado na voz do presente, “quer para eliminar a impressão de distância entre o narrador e o mundo narrado, quer para apresentar a ‘geometria’ de um mundo eterno, sem tempo” (ROSENFELD, 1976: 92). O narrador, que é o próprio personagem, vive a situação narrada e se encontra profundamente envolvido nela, portanto não há uma distância para produzir a visão perspectivica. Segundo Rosenfeld, quanto mais o “narrador se envolve na situação, através da visão microscópica e da voz do presente, tanto mais os contornos nítidos se confundem; o mundo narrado se torna opaco e caótico” (1976: 92).

Pode-se afirmar que “espaço, tempo e causalidade foram ‘desmascarados’ como meras aparências exteriores, como formas epidérmicas por meio das quais o senso comum procura impor uma ordem fictícia à realidade” (ROSENFELD, 1976: 85). Dessa forma, o próprio ser humano também é eliminado ou deformado. Ralfo é apresentado de forma fragmentada, deslocando-se de um espaço a outro sem muita lógica, como um ser fictício, uma imaginação; aliás, ele é uma imaginação. Surge do nada em uma cidade, capital de algum estado brasileiro; depois em um apartamento, morando com duas mulheres; em seguida vai parar a bordo de um navio para, em seguida, aparecer em meio a uma guerrilha em Eldorado, como em um filme de guerra.

Nota-se uma total falta de verossimilhança, de acordo com as características dos romances tradicionais. Ralfo morre depois de ser considerado herói desta luta, no momento em que discursava, propondo um país utópico, livre para pôr em prática a criatividade e dedicar-se à literatura nas horas mais importantes, obedecendo a apenas uma lei – “todos ficarão contentes”. Ele é morto traiçoeiramente pelas costas com uma rajada de metralhadora. Depois ressuscita e aparece em um local que Ralfo acha ser um hospital de loucos, visto que há delírios.

No hospital, Ralfo, em meio ao delírio, parece conseguir encontrar um ponto de equilíbrio ao ter contato com Rute, enfermeira do hospital. No entanto, ele não consegue discernir se Rute é invenção dele ou se é real. Eles mantêm relações sexuais, têm a sensação de passar vários dias, mas no final se verifica que não passou de sua imaginação, inclusive que na verdade estava em um sótão estreito e abafado.

Conforme Villaça, “o sujeito desreferencia-se, perde as formas privilegiadas de experimentar o mundo e, mais que narrar, discute as possibilidades da escritura hoje” (1996: 39). Em *Confissões de Ralfo*, o narrador que também é personagem vai se desdobrando a cada episódio narrado. Ralfo é a própria ruptura, a fragmentação do indivíduo que sente a dialética convivência dos opostos a impulsioná-lo a diversas direções em contato com a realidade degradante, chamada sociedade pós-moderna, caracterizada pela esquizofrenia e pela ruptura, pela fragmen-

tação da individualidade em contato com o coletivo, pelo espaço das mídias, da informação instantânea e da cultura do simulacro.

Ralfo pode ser caracterizado como personagem dobradiça, conforme expressão utilizada por Flora Sussekind. Ele vai se desdobrando em várias imagens, em seres fragmentados, vazios, sem sentimento, família, ou laços, sem qualquer referencialidade, sem bagagem, ou destino. A todo o momento se expõe como em vitrine, sem privacidade, em que imagens são sobrepostas (1993: 240).

O protagonista é um indivíduo sem identidade, sem espaço para o amor e para um sentimento que crie vínculos com alguém. Para ele, os afetos são passageiros e superficiais, merecendo sua ironia. Nota-se isso, pela relação com Rosângela e Sofia e depois com a prostituta no navio. Percebe-se que as personagens do livro são seres "estranhas e impenetráveis, num mundo igualmente estranho e indecifrável. Neste mundo, os seres humanos tendem a tornar-se objetos sem alma entre objetos sem alma, entes 'estrangeiros', solitários, sem comunicação" (ROSENFELD, 1976: 94).

Ralfo pode ser definido como um "Eu que nada tem a narrar sobre a sua vida íntima porque não a tem ou não a conhece – é um 'falso Eu' (...) Não tem dimensão interior, vive planando na superfície das sensações" (ROSENFELD, 1976: 94). Além disso, Ralfo não tem destino ou objetivo, simplesmente caminha sem rumo, à procura de aventuras, como um Dom Quixote às avessas. Conforme ele mesmo se caracteriza: "Ralfo, o homem sem pai e sem pátria. Cavaleiro andante de boas e péssimas intenções. Felizmente, nos tempos atuais, não são necessários cavalos ou armaduras e muito menos escudeiros" (SANT'ANNA, 1975: 13). Como se estivesse vivendo uma Odisséia, Ralfo caminha, errante, em busca de uma referência, uma identidade ou algo que preencha seu vazio.

De acordo com Nascimento, a caminhada de Ralfo metaforiza a intensa procura por um sentido para a existência (2003: 64):

Meu caminho é sempre em frente, sou um homem que viaja pelo tempo e pelo espaço. (...) Andando sempre em frente, sem ficar cansado (...) Andando sempre em frente, eu vou. Simplesmente não podendo parar. Sem muita pressa ou destino, sem desejos no corpo e na alma. Simplesmente andando com as pernas, assim como Deus quer (SANT'ANNA, 1975: 101).

Percebe-se a necessidade do protagonista de encontrar um local onde ele possa se ajustar, criar suas raízes. Segundo Rosenthal, na "obra contemporânea a 'procura' reveste-se de importância fundamental, torna-se essencial a tentativa ou de criar um mundo novo ou de ambientar-se e adaptar-se à vida presente" (1975: 5).

No entanto, Ralfo vive em grandes espaços coletivos que não lhe possibilitam experienciar um local mais íntimo, individual. Vive como em um redemoinho, passando por acontecimentos simultâneos, deslocando-se de um local para outro. Pode-se afirmar que ele é praticamente desindividualizado, pois não tem origem, descendência, família, vínculos.

Observa-se também uma preocupação com a linguagem e com o fazer literário. O autor procura fugir aos modelos convencionais. No entanto, ele não nega a tradição e procura um caminho para renová-la. Os temas da tortura e da violência arbitrária são discutidos no livro. Todavia, transcende o protesto político e segue uma vertente que prioriza o fazer artístico, preocupado com a arte de escrever.

No Livro V, nota-se a denúncia quanto à tortura; porém, verifica-se a riqueza do trabalho com a palavra. O início não difere da maior parte das cenas de tortura que se repetiram na literatura brasileira pós-64, embora a epígrafe do capítulo enfatize que o texto é uma ficção, não

se quer verdade, documento. No entanto, ao reiterar a ficcionalidade do texto, faz com que se reflita sobre esse momento histórico e se questionem os atos aterrorizantes praticados:

Foi como num sonho ou fantasia, no meu caso. Mas que diferença isso pode fazer, se no caso de milhares de outros tem sido uma realidade de ladrilhos úmidos dentro de cubículos, lâminas de aço que rasgam carnes sensíveis, cordas repuxando os membros de um corpo? E mais gritos, desespero, chicotadas e mutilações. Que alívio, portanto, pode trazer para mim o fato de que tais coisas aconteceram apenas ficcionalmente comigo? Pois poderia ter sido assim:

Eles me arrancaram de dentro do carro e me empurraram, aos bofetões, para uma cela imunda e infestada de pequeninos insetos sobre um chão de cimento, onde havia vestígios de sangue, mijo e vômitos. (SANT'ANNA, 1975: 111).

Além disso, Sérgio Sant'Anna surpreende o leitor que esperava mais uma cena de tortura. O interrogatório lembra mais uma prova oral, uma prova de conhecimentos gerais, com perguntas como "Quem descobriu o Brasil?", "E o que aconteceu em 1584?", definições de "arbitrariedade", "zeoscópio", de "romance", um diálogo cheio de *nonsense* entre torturadores e Ralfo. O autor "utiliza-se, pois, do 'sem sentido' desses diálogos tanto para afirmar a irracionalidade mesma da situação carcerária, quanto para desdramatizar sua representação da tortura" (SUSSEKIND, 1985: 51). Assim, percebe-se a gratuidade da violência. Por meio da ironia, o *nonsense* do interrogatório desmascara o absurdo dos interrogatórios e torturas praticados. Ralfo é ridicularizado, humilhado, agredido, mesmo respondendo ao que lhe é perguntado, por saber demais ou por suas respostas não agradarem os interrogadores. Existe uma gratuidade da violência apresentada "nesse avesso de interrogatório, comprovando mais uma vez que menos do que uma forma de se conseguir informações, esta é uma prática autoritária que serve como catarse para mentes psicopatas" (PERDIGÃO, 2006: 4).

Por meio do interrogatório sem sentido, há crítica à arbitrariedade dos poderosos, questionamento do que seja romance e reflexão sobre a sua obra:

- O que é arbitrariedade?
- Despotismo e capricho daqueles que se julgam com direito a árbitro.
- Assim como nós?
- Assim como vós, senhores.

(...)

- LITERATURA! O que é o romance?
- Uma narrativa que apela para a imaginação, mostrando feitos maravilhosos, cenas pitorescas, acontecimentos heróicos, ações galantes, experiências fora do comum ou até mesmo sobrenaturais.

(...)

- Mas o que é harmonia?
- Disposição bem ordenada entre as partes de um todo.
- E desarmonia?
- O contrário da harmonia.
- Assim como em vosso livro
- Assim como em meu livro, senhores. (SANT'ANNA, 1975: 124-126).

Nota-se que Sérgio Sant'Anna soube tratar de maneira extremamente eficiente o tema da tortura, representando de forma caricatural o interrogatório, contrariando o realismo de muitos escritores desse período.

A revelação de seu fazer poético e a discussão sobre literatura são outros aspectos muito presentes na obra. A característica literária da narrativa apresentada no prólogo é enfatizada durante toda obra, sintetizada no capítulo IX, sugestivamente denominado de Literatura. Ralfo, depois de vivenciar várias aventuras narradas por ele, terá suas memórias analisadas e avaliadas por uma comissão de ilustres ministros que aprovarão ou desaprovarão, concedendo-lhe o título de Escritor.

Esse capítulo pode ser considerado o resumo de toda a obra, visto que se põem em xeque questões como o papel do escritor em escrever um livro e a função da literatura. Discute, enfim, o estatuto da literatura: a sua função, a sua representatividade na sociedade, a própria criação literária – o romance.

O autor define literatura como uma “velha puta experiente e cheia de truques” (SANT’ANNA, 1975: 218). Ao ser questionado porque gostaria de ser escritor, não hesita e, sem ser hipócrita, demonstra o seu interesse em conseguir prestígio e dinheiro:

– O que eu desejo, senhores, é um pouco de prestígio e dinheiro. Algo assim como direitos autorais entrando regularmente e uma casa de campo e viagens pelo mundo, tendo como única contra-prestação, proferir conferências para otários de todos os tipos. Palestras sobre a fantasmagorização lúdica e simbólica do personagem na obra de Ralfo, o homem que escreveu a si mesmo. Ou sobre a organização do caos ou a caotificação da ordem como expressão literária. Ou ainda sobre os parâmetros si-óticos e ético-molológicos e samântico-moleculares na obra de Ralfo, o único. E, diante de tanta erudição demonstrada, encontrar uma garota amável e sorridente e de seios pontudos que case comigo e a quem apresentarei aos amigos dependurada em meu ombro e bebendo na fonte de minhas palavras como se eu fosse o próprio *geniousemperson* em pessoa. Essa minha vocação de latino-americano *petit bourgeois*, mas revolucionário de coração (ah, não fossem os medos e os vícios do corpo e da alma), impregnado sinceramente das revoluções dos intelectos infectos e o povo que coma bolos... (SANT’ANNA, 1975: 220-21).

O autor não dá explicações sociais e literárias falsas, dizendo que seu objetivo era comunicar com seu semelhante e “auxiliar os povos do mundo a refletir sobre as agruras da condição humana ou, então, contribuir para maior glória das letras e das artes ou para combater o fascismo que assola o Planeta ou para o aprimoramento do código lingüístico e muitas coisas mais” (SANT’ANNA, 1975: 221).

Conforme Noemi H. B. de Perdigão, Sérgio Sant’Anna “chama o leitor a desmistificar, com ele, as usuais explicações do porquê escrever, questionando o ‘papel social’ do escritor (2006: 4). O escritor é visto como um homem comum que necessita sobreviver neste mundo capitalista; não há qualquer pudor em se falar do livro como mercadoria. O escritor não possui mais a aura de ente endeusado e o livro não é mais um objeto sacralizado. De acordo com o depoimento de Rubem Fonseca, citado por Flora Sussekind: “A necessidade de dinheiro, aliás, é uma grande incentivadora das artes” (1993: 250). Da mesma forma, percebe-se a mesma visão de Leyla Perrone-Moisés ao afirmar que os novos escritores não estão interessados em ingressar no cânone, mas ter seus livros publicados, traduzidos em línguas hegemônicas, adaptados para o cinema e a televisão e figurar na lista dos mais vendidos (1998: 176). Verifica-se um novo sujeito, com outros valores da sociedade contemporânea.

Ao prosseguir a apreciação do livro pela banca examinadora, o Promotor, um dos examinadores, observa que o livro demonstra “o mais completo desprezo pelas regras estruturais do romance, a sutil combinação das partes entre si. (...) Não fosse o receio de criar mais uma infame terminologia, diríamos que o autor inaugura o romance desestrutural” (SANT’ANNA,

1975: 222). Ele confirma a hipótese de que o objetivo de Sérgio Sant'Anna em *Confissões de Ralfo* era de desconstruir o gênero romance tradicional.

Dessa forma, o Promotor vai enumerando características do romance tradicional que faltam em *Confissões de Ralfo*. Ele nota a falta de verossimilhança e de coerência entre os capítulos; observa que os "capítulos, tomados em separado, são pequenas aberrações literárias ou mesmo não literárias. Simplesmente aberrações" (SANT'ANNA, 1975: 222).

O Ministro dos Diálogos, outro membro da banca examinadora, percebe a ausência de diálogos no romance, fato que, segundo ele, tornam convincente uma narrativa. Para provar que isso é uma concepção errada, Ralfo formula um diálogo, mas o recurso não torna o texto melhor. Para o Ministro, desde o século dezenove não se escutava semelhante porcaria, revelando a visão tradicionalista do avaliador e a não aceitação dos textos modernos e pós-modernos. Assim, Sérgio Sant'Anna leva ao questionamento se é realmente necessário que um romance tenha essas características. Pio Baroja, citado por Rosenthal, afirmou que "um romance pode existir sem tema, sem estrutura e sem composição" (1975: 7).

Em uma das divagações de Ralfo, durante o julgamento, ele pensa que, se saísse daquela situação, nunca mais voltaria a escrever narrativas não ortodoxas e passaria a dedicar-se a:

estórias bem regionais e brasileiras de gente muito simples e comum que morava no campo, onde nada acontecia a não ser os pequenos acontecimentos do cotidiano, como um homem trabalhando na lavoura e sua mulher amamentando na cozinha uma criança enquanto a cadela da casa dava a luz a cinco cachorrinhos e a vida assim se desenvolvendo, um dia atrás do outro mas sem que se sentisse o peso da rotina, pois a rotina, se me perdoam mais uma rima, é o fruto da mente doente de pessoas que não sabem viver as coisas e a realidade (SANT'ANNA, 1975: 224).

Observa-se, nesse episódio, ironia ao romance tradicional e crítica aos dogmas estabelecidos que não aceitam nada original, visto que o Ministro dos Monólogos Interiores detecta o fluxo de pensamento e o elogia, da mesma forma o Ministro dos Monólogos Exteriores e do Lirismo. No entanto, o Ministro da Vanguarda achou-o retrógrado, contrariando o Ministro das Regiões e das Raízes Nacionais que o achou autêntico. O Ministro da Literatura de Todos os Tempos e Todos os Povos achou-o universal. Percebe-se, portanto, que o texto tem seu valor, conforme a visão de cada um sobre literatura, do que se considera qualidade literária, demonstrando que é algo muito subjetivo.

Neste outro trecho, verifica-se novamente a confirmação do objetivo de Sérgio Sant'Anna de "brincar" com a estrutura do texto tradicional e questionar esses parâmetros ao escrever *Confissões de Ralfo*, conforme a fala do Promotor:

Mas num ponto sejamos justos: o autor-personagem sempre se manteve fiel ao propósito de divertir-se às custas de todos, extremando ao ridículo situações, personagens e até a si mesmo, além, é claro, daquela senhora a quem juramos dedicar nossas vidas: *Madame la Littérature* (SANT'ANNA, 1975: 225).

Depois de receber a sentença de o livro ser rasgado e do personagem-autor ser morto, Ralfo diz sua intenção de escrever o livro:

O que eu queria era apenas divertir-me um pouco, sem que senhores vestidos de urubu ficassem a me dizer o tempo todo que isso é isso e aquilo é aquilo. (...) Contar estórias de cavaleiros, príncipes, mendigos e princesas. Fadas, bruxas e também os gigantescos mostrengos que habitam minha alma, mas que, de repen-

te, podem transformar-se em esvoaçadoras e cantarolantes borboletas amarelas. (...) Estórias que atijassem a imaginação do povo e o fizessem compreender os demônios que devem expulsar para que o corpo e a alma se tornem transparentes (SANT'ANNA, 1975: 228).

Observa-se o tom de brincadeira sem a intenção de querer seguir qualquer estatuto ou reiterar algum cânone. Além disso, é realçado o "aspecto de 'contador de histórias', sem, contudo, negar o caráter persuasivo de todo texto literário, que sempre deseja conquistar seu leitor e, de uma forma ou de outra, modificar a visão que ele tem do mundo e de si" (PERDIGÃO, 2006: 5). Nota-se, portanto, que a obra não tem a intenção de ditar regras e nem de ser instrumento de revolução social; talvez esse seja o papel da literatura.

Conforme Candido, a literatura possui um caráter desinteressado, implicando uma atitude de "gratuidade" tanto do criador quanto do receptor. Além disso, tem a função psicológica de satisfazer a necessidade de ficção e fantasia que todo ser humano deseja; a função formativa, contribuindo para a formação de sua personalidade e a função de conhecimento do mundo e do ser, auxiliando na aprendizagem das diferentes culturas de diversos momentos históricos e mesmo na aprendizagem de si mesmo, desvendando a interioridade dos seres humanos.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Confissões de Ralfo* foge ao tradicional e apresenta um romance com traços de romance moderno, conforme a concepção de Rosenfeld, como a fragmentação, indeterminação, relativismo, utilizando-se da polifonia, caracterizado pela multiplicidade de estilos e conferindo caráter dialógico. Retoma diversos textos e mistura gêneros, dialogando com a tradição por meio da paródia, recontextualizando obras e personagens anteriores. Há uma intertextualidade constante, sempre irônica, presente na narrativa em que são incorporados textos tradicionais como Dom Quixote, Crime e castigo, Alice, Lolita.

Para Rosenfeld, a arte moderna exprime "uma nova visão do homem e da realidade ou, melhor, a tentativa de redefinir a situação do homem e do indivíduo, tentativa que se revela no próprio esforço de assimilar, na estrutura da obra-de-arte (e não apenas na temática), a precariedade da posição do indivíduo no mundo moderno" (1976: 97). Ralfo retrata bem esse novo sujeito diante dessa sociedade com novos valores, em que os afetos estão esmaecidos, em que o sujeito consegue manter apenas relações superficiais.

Observa-se também em *Confissões de Ralfo* a carnavalização, termo cunhado por Bakhtin, segundo o qual é a literatura que, "direta ou indiretamente, através de diversos elos mediadores sofreu a influência de diferentes modalidades de folclore carnavalesco – antigo medieval (1981: 92). Verifica-se que a obra retrata a realidade por meio de um olhar avesso, transgredindo a ordem tradicional. Ralfo não aceita o convencional e procura libertar-se de toda e qualquer forma hierárquica. De acordo com Nascimento, como "acontece no carnaval, Ralfo não tem qualquer compromisso com regras ou leis que regem o comportamento em sociedade, apresentando uma das principais características das formas carnavalizadas: a oposição ao sistema de 'relações hierárquico-sociais'" (2003: 33). Enquanto acontece o carnaval, as barreiras sociais delimitadas hierarquicamente são dissolvidas e todos podem manifestar-se sem a imposição das regras que determinam a vida extracarnavalesca.

Pode-se dizer que ocorre a carnavalização do próprio romance tradicional, no momento em que ocorre o destronamento dos valores canônicos e a profanação dos símbolos sagrados: livro, romance, escritor, literatura. De certa forma, esses símbolos perderam a aura. De acordo com Barthes, citado por Perrone-Moisés, "a literatura está dessacralizada, as insti-

tuições estão impotentes para protegê-la e impô-la como o modelo implícito do humano. Não é que ela não está mais guardada: é pois o momento de ir a ela" (1998: 210).

Segundo Spender, citado por Rosenthal, a "meta do escritor moderno foi, sobretudo, a 'reinvenção' da realidade: uma reconstrução das formas e forças de um Mundo Novo e de uma maneira moderna de sentir" (1975: 9). De certa forma, Sérgio Sant'Anna reinventa um novo tipo de romance – o "romance desestrutural". Nesse jogo lúdico com as estruturas do texto, em que se dilui o limite entre autor, narrador e personagem, desprezam-se as regras estruturais do romance, sem combinar as partes entre si, faltando a verossimilhança, cria-se um novo romance. Dessa forma, faz com que se reflita nos parâmetros que regem o texto literário atual. Para Rosenthal, "essa 'reinvenção' da realidade, a representação da realidade moderna, 'flutuante', constitui a tarefa do romance adaptado aos nossos dias" (1975: 9).

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Fráteschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3.ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 24, p. 803-809, 1972.

HUTCHEON, Linda. Teorizando o Pós-moderno: rumo a uma poética. In: \_\_\_\_\_. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAMESON, Fredric. A lógica cultural do capitalismo tardio. In: \_\_\_\_\_. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1997.

NASCIMENTO, Marinêz Andrade do. **Paródia e transgressão: uma discussão do sujeito nas Confissões de Ralfo**. 2003, 99p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

PERDIGÃO, Noemi H. B. de. **Confissões de Ralfo: o avesso das memórias**. Disponível em: <http://www.cefetpr.br/deptos/dacex/noemi.htm>. Acesso em 26 ago. 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: \_\_\_\_\_. **Texto/Contexto**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p.75-97.

ROSENTHAL, Erwin Theodor. A moderna concepção do mundo. In: \_\_\_\_\_. **O universo fragmentário**. São Paulo: Companhia da Ed. Nacional, 1975.

SANT'ANNA, Sérgio. **Confissões de Ralfo: uma autobiografia imaginária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

SARDUY, Severo. O Barroco e o Neobarroco. In: MORENO, César Fernández. (Org.). **América Latina em sua literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SUSSEKIND, Flora. II. Retratos & Egos. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e vida literária**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. Ficção 80: dobradiças e vitrines. In: \_\_\_\_\_. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

VILLAÇA, Nizia. Apelos e apelações do contemporâneo. In: \_\_\_\_\_. **Paradoxos do pós-moderno: sujeito & ficção**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p.13-57.